

Estamos reunidos para uma série de palestras que são, para mim, uma promessa de aventura. Proponho expor as linhas básicas daquilo que chamaria de "minha concepção do mundo" se isto não fosse intoleravelmente pretencioso. Pretencioso não apenas quanto a mim, mas ainda quanto ao mundo. Com efeito, proponho neste curso de palestras elucidar tanto para os senhores como para mim alguns pontos que me parecem básicos e ~~mas~~ obscuros. Tenho, é óbvio, um programa a proximado daquilo que submeterei a sua crítica, mas esse programa é apenas um esboço. É, como se diz na filosofia existencial, um "projeto". Um projeto, alias, que procurei realizar diversas vezes, e com resultados variáveis. Os resultados dependem das forças que convergem sobre os problemas, dos senhores e de mim no presente caso. É por isto que disse que esta série contém para mim promessa de aventura. Não sei em que direção as suas críticas canalizarão o curso do meu argumento. Prepararei toda palestra individual em função da discussão da precedente. Sou lhes portanto grato por esta oportunidade, já que nunca pude discutir o meu pensamento com um grupo como o presente. Aquilo que estamos nos preparando para fazer é chamado "filosofia", (talvez com elegância excessiva). Proponho, como hors d'oeuvre deste curso, a discussão dessa atividade as vezes chamada "filosofia". Se procurarmos um ponto de vista distanciado para observar essa atividade, se a filosofia for um objeto externo do qual somos sujeitos, ela se apresentará como um membro daquela classe de atividades chamada "conversa fiada". Dessa distância fenomenológica, na qual suspendemos todo conhecimento prévio que porventura possuímos a respeito da filosofia, ela se apresenta como atividade que consiste na leitura de livros, na discussão dessa leitura em grupos geralmente reunidos em salas de aulas; e, de vez em quando, na elaboração de trabalhos escritos sobre essa leitura, trabalhos a serem publicados para poderem ser lidos e discutidos, e assim por diante ad nauseam e ad infinitum. Não se pode observar, nessa época fenomenológica que estamos assumindo neste momento, nenhum efeito digamos palpável dessa atividade. Ela é puramente linguística, um bate papo que tem palavras por instrumento, palavras por assunto, e palavras por meta. Husserl cre que esta nossa distância que estamos assumindo é sintoma da nossa humildade, e que a filosofia, isto é o fenômeno diante do qual nos estamos humilhando, revelem a sua essência, o seu "eidos". O "eidos" da filosofia é a conversa fiada. Mas a humildade da fenomenologia é o orgulho supremo. Se observarmos a filosofia desse ângulo de pretensa inocência e ignorância, estaremos desprezando o fenômeno ante o qual fazemos de conta que nos humilhamos. A filosofia, para ser ela mesma, não admite distância, mas exige empenho. É somente no "engagement" dedicado e integral que ela revelará, pouco a pouco, a sua essência, uma essência que não hesito de chamar "beleza". Devemos portanto dizer que a filosofia não se revela ao observador distante e paciente, mas ao participante interessado e apaixonado. Mas é óbvio que a distância que nos revelou a filosofia como um tipo de conversa fiada é um ponto de vista perfeitamente legítimo e pertinente epistemologicamente, (embora seja talvez impertinente existencialmente). De certa forma diz ele respeito a filosofia. Filosofar é realmente ler, e escrever, e falar com outros, e falar consigo mesmo naquele diálogo interno que Platão chamava de pensamento. A filosofia é uma atividade linguística, e passa-se, toda ela, no terreno da língua escrita, ou falada, ou sussurada internamente. A filosofia é uma conversa. E ela é uma conversa de um tipo curioso, já que o seu discurso flui, mas não progride, (como progride por exemplo o discurso da ciência), nem manipula objetos, (como manipula por exemplo aquele discurso chamado arte). A meu ver está profundamente enganado Dilthey ao querer transformar a filosofia em ciência do espírito, porque a filosofia é um discurso estruturalmente não progressivo. Igualmente enganado está Marx, a meu ver, ao proclamar que a filosofia apenas explica o mundo, quando importa modificá-lo. A filosofia é estruturalmente não manipuladora. Uma filosofia científica é uma filosofia empenhada no sentido marxista já deixou, eo ipso, ser filosofia. Dado o caráter não progressivo e não manipulador da filosofia, e portanto perfeitamente legítimo chama-la de conversa fiada. Consideremos por um instante este conceito "conversa fiada" que estou empregando. Trata-se de um tipo de conversa no qual fluem frases somente para fluir, sem que algo exterior a conversa seja visado. Na conversa fiada fala-se para falar, sem visar uma meta exterior a conversa. A conversa fiada não tem assunto externo, e ela é seu próprio assunto. Uma conversa que visa meta exterior significa essa meta, e essa meta é seu significado. A conversa fiada não tem significado. Mas a conversa fiada se compõe, como toda conversa, de frases, e estas, por sua vez, de palavras. Palavras são signos de algo, significam algo. Na conversa fiada esse significado das palavras fica como que esquecido, engolido pela própria conversa. O que interessa na conversa fiada não é o significado das palavras, mas são as palavras mesmas. Dizer que a filosofia é conversa fiada é dizer que carece de significado.

Tomemos como exemplo de conversas fiadas o bate papo na feira e a demagogia. O vendedor de laranjas que articula frases cujas palavras significam a saúde da comunidade, e o orador no comício que articula frases cujas palavras significam o balanço de pagamentos, não está interessado no significado das suas palavras. Mas nem por isto deixa de visar uma meta exterior à conversa, a saber vender laranjas ou angariar votos. Essas metas inconfessas e disfarçadas passam a ser o significado da conversa. A conversa fiada carece de significado, se tomada ao pé da letra, mas tem significado num contexto existencial mais amplo. A conversa fiada distingue-se da conversa não fiada pela sua insinceridade. Conversa fiada é conversa inautêntica, porque tem um significado que não é o significado das palavras que emprega. Dizer que filosofia é conversa fiada é dizer que é formalmente insignificativa, mas que tem um significado inconfesso. Podemos passar uma sentença tão impiedosa sobre a filosofia?

Podemos, já que as duas correntes mais características da filosofia atual assim se julgam mutuamente. Refiro-me aquela tendência vagamente chamada de "neo-positivismo", e aquela outra conhecida pelo termo duvidoso de "existencialismo". Sob análise lógica, (que é a arma principal do neo-positivismo), praticamente todas as frases articuladas pelos existencialistas são desvendadas como puro ruído sem significado. A meta do existencialismo não pode ser portanto o significado das suas frases, mas outra, inconfessa. O existencialismo é conversa fiada. Sob análise existencial praticamente todas as frases articuladas pelos neo-positivistas têm obviamente um significado que não é o significado das palavras empregadas. Com efeito, os textos neo-positivistas não passam de pretextos preciosos e presunçosos para evitar o confronto da mente com a situação existencial na qual se encontra. O neo-positivismo é conversa fiada. E se formos a reduzir as frases que fazem a discurso da filosofia do passado à sua estrutura lógica simbólica; ou ao seu clima existencial, verificaremos que são, quase todas, conversa fiada. E as poucas frases que se salvam de um ponto de vista lógico simbólico serão desmascaradas como existencialmente falsas, e as outras poucas que são existencialmente sinceras não resistirão a uma análise formal dos neo-positivistas. Em outras palavras: as frases que compõem o discurso da filosofia ou são meras exclamações sentimentais sem significado formal, ou são formalismo pretencioso para encobrir angústias existenciais, ou são ambas as coisas. A filosofia é portanto conversa fiada.

Tendo passado esta sentença condenatória, pergunto-me, profundamente assustado: qual seria um exemplo de uma conversa não fiada? Obviamente uma conversa que tenha por significado o significado das palavras que emprega. Pois procuremos esse tipo de conversa autêntica para empenhar-nos nela, e abandonemos incontinenti as insinceridades e os ruídos da filosofia. Tomemos os dois exemplos opostos à filosofia já mencionados, a saber ciência e arte. A ciência, isto é óbvio, é uma conversa que será aceita como significativa pelos neo-positivistas; pelo menos em tese. As suas frases resistem a uma análise lógica, e quando não resistem, são abandonadas de bom grado pela ciência em seu progresso. É igualmente óbvio que o significado da ciência é aquela situação externa que as palavras científicas significam, a saber "o mundo". Ambas estas coisas são óbvias, mas ambas encerram, se analisadas mais pacientemente, graves problemas. Passemos por cima. Mas se vista de um ângulo existencial, como a ciência se apresenta? Como uma única, gigantesca e monumental insinceridade. Faz de conta que o intelecto lógico pode captar a totalidade, ou parcelas, daquilo que chamamos "realidade", quando a vida autêntica desmente essa pose a todo passo. E faz de conta que o homem tem um poder de superar a situação dentro da qual foi lançado, quando a morte desmente a todo instante essa pose. Com efeito, a ciência não passa de uma conversa fiada, cujo significado inconfesso é a tentativa de fazer esquecer a absurdidade da situação humana.

Consideremos a arte. Para o existencialismo, isto é óbvio, a atividade artística é a manifestação da própria autenticidade do homem. Pela arte o homem se realiza como existência, e impõe a sua maneira de ser sobre a sua circunstância dentro da qual foi lançado. É portanto plenamente significativa a existência artística, embora uma consideração mais paciente revele graves problemas. Passemos por cima. Mas de um ponto de vista formal, como se apresenta a arte? Qual é o significado de um poema, de uma sinfonia, de uma pintura? Certamente não é o significado das palavras, ou sons, ou tintas que compõem as obras. Tem um outro significado, inconfesso. A análise formal revelará que a arte não passa de uma única, gigantesca e monumental conversa fiada, em tudo equivalente, formalmente, a um rosar de um asno.

Os dois exemplos bastam para refrear o nosso entusiasmo no sentido de abandonar a filosofia e mergulhar em outro tipo de conversa. O que sugerem estes dois exemplos? Que toda conversa, se observada de um ponto de vista irônico, isto é distanciado e não empenhado, é conversa-fiada. E, mutatis mutandis, sugerem que toda conversa na qual nos empenhamos existencialmente, isto é com corpo e alma, é plenamente significativa. Mas a filosofia difere dos demais tipos de conversa pelo fato de ser consciente disto.

Com efeito: a filosofia é uma atividade linguística que se distingue de todas as demais atividades linguísticas, (como por exemplo da ciência e da arte), pela sua falta de ingenuidade quanto ao significado. Aquilo que chamamos de espírito filosófico é, no fundo, a perda da fé ingenua no significado da atividade humana. Ou, reformulando, podemos dizer que a filosofia é uma atividade que busca o significado perdido. O termo "significado" é portanto, a meu ver, o termo chave da filosofia, e portanto também deste curso de palestras. O significado do termo "significado" varia de acordo com o contexto no qual o termo é empregado. Querer dar uma definição desse termo seria portanto definir o presente curso. Dada a fluidez do meu programa, sou incapaz, a esta altura, de definir o seu termo chave. Mas como toda conversa, para ser compreensível, deve utilizar termos pelo menos aproximadamente definidos, proponho, até segunda ordem, a seguinte definição operativa: O significado é aquele algo que signos visam. Se os senhores aceitarem esta definição "for the duration", teremos esta base, a partir da qual se desenvolverão os nossos argumentos terra incognita a dentro.

Apenas signos são significativos. Uma situação que não contenha signos é insignificativa. Uma situação que não contenha signos é, por ser insignificativa, absurda. Aquilo que chamamos de "mundo", isto é a situação dentro da qual fomos lançados, terá significado, se conter signos, e se não os conter, será absurdo. O conjunto daquilo que fazemos e sofremos nesse mundo, a nossa vida em breve, será significativo a medida que dirá respeito a signos, e será absurdo se não disser respeito a signos. Signos são aquilo que nos introduz ao significado, mas que tapa, por isto mesmo, o significado. Signos são enigmáticos neste sentido. O mundo, e nossa vida nele, será significativo se contiver elementos enigmáticos, e do contrário será absurdo. Signos podem ser agrupados em sistemas que serão chamados "línguas" no presente curso. Línguas são sistemas de signos, e signos enquadrados em línguas serão chamados de "símbolos" doravante. Uma situação é significativa, quando contém signos, e é uma situação ordenada quando contém símbolos enquadrados em línguas.

Dadas estas definições, que são ampliações da definição operativa do termo "significado", volto para o tema que é a consideração da filosofia. Disse que toda atividade linguística se apresenta como conversa fiada, se observada de fora, e como conversa autêntica se vista a partir do participante. Reformulo agora: A atividade linguística, se observada de fora, apresenta-se como um conjunto de símbolos falsos, isto é de símbolos sem significado, porque não são enigmáticos para quem não está neles empenhado. A mesma atividade, se observada de dentro, apresenta-se como conversa autêntica, porque consiste de símbolos genuínos. Te rei oportunidade, no curso destas palestras elaborar estas minhas afirmativas. A filosofia difere das demais atividades porque é ela a única que se observa a si mesma de dentro. A ciência e a arte, para persistirmos nesses dois exemplos, são atividades linguísticas que pertencem aos símbolos para desenvolvê-los de acordo com as regras das suas respectivas línguas. A filosofia é uma atividade linguística que se volta para o símbolo para descobrir o seu significado. É isto que pretendemos dizer que a filosofia é reflexiva. O movimento do discurso de todas as atividades linguísticas é progressivo, o movimento da filosofia é regressivo. Por sua estrutura mesma é a filosofia um movimento linguístico oposto aos demais, e, com efeito, dirige-se contra os demais para desvendá-los o significado. Por sua estrutura mesma é a filosofia uma crítica das atividades linguísticas, e o termo "filosofia da língua" é, a meu ver, um pleonasma. Não é vivenciado como pleonasma porque, dada a nossa ingenuidade quanto ao significado, não nos damos sempre conta que tudo o que não é linguístico é absurdo. A filosofia como crítica da língua, a filosofia "tout court" portanto, será o tema do presente curso de palestras.

A filosofia se volta contra o símbolo para descobrir-lhe o significado. Nessa volta reside a sua perda de ingenuidade. As demais atividades linguísticas, (que chamarei doravante de "pensamento progressivo") aceitam o significado dos símbolos com os quais operam ingenuamente e sem crítica. O pensamento progressivo aceita ingenuamente e sem duvidar que os símbolos, (que chamarei grosso modo de "conceitos"), visam algo externo a si mesmo, a saber a "realidade", e progredem a partir dessa premissa. Apenas a filosofia duvida dessa premissa. O pensamento progressivo aceita o caráter enigmático dos seus próprios elementos sem crítico. Não se espanta. A filosofia encara esse caráter enigmático dos símbolos, e é isto que os antigos pretenderam ao dizer que o espanto é o começo da filosofia. Aristoteles diz: "propter admirationem enim et nunc et primo homines principiabant philosophari" (é pelo espanto que os homens começaram a filosofar agora e antigamente). Por ser reflexiva, por ser regressiva, e a filosofia uma atividade que encara o espantoso. É esse espanto que é a filosofia só se esgota quando o filósofo crê ter descoberto que os símbolos não encobrem nada. Nessa descoberta do nada o espanto se transforma em sensação de total absurdidade e fin

tilidade. É o caso de um Camus ou um Kafka. E Wittgenstein o formula de maneira definitiva: "não há enigma". A descoberta do nada atrás do símbolo é a descoberta da tautologia fundamental da língua. A língua como sistema tautológico seria a língua como sistema de símbolos vazios, portanto falsos. Dada a nossa definição do significado, isto implicaria em mundo absurdo e na absurdidade da situação humana. Por paradoxo que pareça, tanto o existencialismo como o neopositivismo parecem apontar esse resultado insuportavelmente terrível. A perda da fé ingenua num significado dos símbolos, que é o começo da filosofia, parece querer resultar na descoberta da total absurdidade. Isto seria não somente o fim da filosofia, mas também de toda atividade do pensamento. Seria o fim da conversa chamada "civilização ocidental", já que esta se reconheceria a si mesma, pela filosofia, ser conversa fiada. A conclusão seria a wittgensteiniana: "o que não pode ser falado, deve ser calado".

A meta do presente curso de palestras será o combate a esse resultado. Procurarei demonstrar, tanto de um ponto de vista formal como existencial, que o enigma dos símbolos que são os elementos do nosso pensamento é inesgotável. Procurarei demonstrar que a conversa chamada "civilização ocidental" não está fadada a decair em mutismo, nem de um ponto de vista formal, nem existencial, embora essa queda no mutismo seja inteiramente possível. Perseguirei essa meta por tres caminhos distintos. Procurarei primeiro analisar formalmente o nosso pensamento como atividade linguística que se desenvolve em campos de determinadas línguas. Procurarei, em seguida, analisar essa atividade de um ponto de vista existencial, a saber, como realização progressiva de um projeto contido nessas línguas. E procurarei, por último, ilustrar essa realização progressiva no curso da história do Ocidente. Aplicarei portanto, e para recorrer a uma terminologia da filosofia clássica, primeiro a razão pura, em seguida a razão prática, e por fim a razão histórica, na análise da situação na qual nos encontramos. É este pois o programa para o qual convido a colaboração dos senhores.

A minha convicção que procurarei defender e para a qual procurarei converter os senhores num esforço de proselitismo é a seguinte: as ciencias, as artes, as religiões, enfim toda atividade mental, são elaborações progressivas de símbolos que lhe servem de elementos. Podem portanto esgotar-se. Ao elaborar esses símbolos, transformam as potencialidades nelas dormentes em realidades. As ciencias físicas estão atualmente próximas dessa elaboração derradeira. Transformaram os seus símbolos em instrumentos. Esses símbolos deixaram portanto de ser enigmáticos, e o mundo das ciencias físicas está se transformando em conjunto absurdo. Por paralelismo e por antecipação de resultados também outras conversas estão ameaçadas de cair na absurdidade da conversa fiada. Mas o papel da filosofia é justamente avançar contra esse avanço. É seu dever descobrir o enigma inesgotável que são os símbolos primordiais, e demonstrar que a realização alcançada é apenas parcial e imperfeita. O papel da filosofia é, em outras palavras, renovar a sensação do espanto ante o mundo enigmático que nos cerca. Assim renovando, dará a filosofia um significado "novo" (em aspas) a vida humana. Pensar não é necessariamente uma conversa fiada para quem se empenha no pensamento de corpo e alma. É pelo contrário a descoberta constante do enigma que é o fundamento do pensamento. É essa a descoberta que chamei de "beleza". Para essa beleza espantosa que a filosofia descobre, se for honesta, convido os senhores.